



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
INSTITUTO DE LETRAS**

**LUIZA ANDRADE BRUGNI DA CRUZ**

**AS MULHERES DA CIDADE ENCANTADA: UM ESTUDO DAS PERSONAGENS  
FEMININAS DO LIVRO *ÓRFÃOS DO ELDORADO*, DE MILTON HATOUM**

**SALVADOR  
2016**

**LUIZA ANDRADE BRUGNI DA CRUZ**

**AS MULHERES DA CIDADE ENCANTADA: UM ESTUDO DAS PERSONAGENS  
FEMININAS DO LIVRO *ÓRFÃOS DO ELDORADO*, DE MILTON HATOUM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, como requisito para a obtenção do grau de Bacharel em Letras Vernáculas.

Orientadora: Profa. Dra. Lígia Guimarães Telles

Salvador

2016

## **AGRADECIMENTOS**

À querida professora Lígia Telles, por ter me concedido a oportunidade de ser aluna e orientanda.

Às professoras componentes da banca, Profa Alba Valéria Tinoco Alves Silva e profa. Antonia Torreão Herrera por aceitarem participar e contribuir com a minha formação acadêmica. Em especial à profa. Antonia Torreão Herrera, de quem fui orientanda durante a minha estadia no maravilhoso grupo O escritor e seus múltiplos - migrações.

À minha família, por todo o apoio e afeto inigualável.

E aos meus amigos. Todos, para não causar ciúmes.

## RESUMO

Nesta pesquisa, têm-se como objetivo analisar as personagens femininas da novela *Órfãos do Eldorado*, de Milton Hatoum, escritor reconhecido por crítica e público pela beleza de suas obras e complexidades de suas personagens, especialmente as suas mulheres. No primeiro capítulo, é feita uma análise de *Órfãos do Eldorado* tendo em conta primeiramente o contexto da obra no cenário da literatura contemporânea brasileira e em seguida o seu conteúdo político, a importância e a desconstrução do mito dentro da narrativa. A partir do segundo capítulo é realizada uma recapitulação das conceituações teóricas acerca das personagens e os mecanismos de criação destas por seus autores. Afinal, as personagens femininas da novela são analisadas em ordem crescente de complexidade e relevância para o enredo. Foram utilizados para a realização desta pesquisa referenciais teóricos tidos como clássicos para a teoria da literatura e produções acadêmicas de profissionais contemporâneos sobre *Órfãos do Eldorado* e demais publicações de Milton Hatoum.

**Palavras-chave:** Milton Hatoum, teoria da literatura, literatura contemporânea

## **ABSTRACT**

This work aims to study the female characters in the novel *Órfãos do Eldorado*, by Milton Hatoum. Acclaimed by public and critics, Hatoum is known by the beauty of his stories, and the complexity of his female characters. In the first chapter of this work, we will study the novel *Órfãos do Eldorado* firstly to understand its place in contemporary Brazilian literature, and its political content. Then we will analyze how lore plays an important role in the novel's narrative. Beginning in the second chapter, we will review important theoretic concepts about characters, and what tools writers use when creating them. Lastly, we will analyze *Órfãos do Eldorado*'s female characters in order of complexity and relevance to the story. This work relies on widely used theoretical references from Theory of Literature, as well as academic works written by contemporary scholars about *Órfãos do Eldorado*, and other stories by Milton Hatoum.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
<b>2. Sobre Órfãos do Eldorado</b>	<b>9</b>
2.2 O autor e a obra	9
2.3 Órfãos do Eldorado e seus principais elementos	15
<b>3. As mulheres da cidade encantada</b>	<b>24</b>
3.2 O que é a personagem?	24
3.3 As personagens femininas em <i>Órfãos do Eldorado</i>	28
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>36</b>
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b>	<b>37</b>

## INTRODUÇÃO

No lugar desconhecido habita o desejo. (HATOUM, 2009) Esta frase pertence ao conto “Um oriental na vastidão”, presente no livro *A cidade Ilhada*, de Milton Hatoum. Ela poderia, porém, ser tudo que Arminto Cordovil poderia dizer sobre a sua paixão e busca pela órfã Dinaura, centro do enredo de *Órfãos do Eldorado*. Como plano de fundo está a cidade de Manaus durante o fim do primeiro ciclo da borracha, época de decadência financeira para a região, na qual Arminto deixa-se afundar com a empresa da família Cordovil, munido do desejo de não dar continuidade a uma linhagem de homens cruéis como o seu pai, Amando Cordovil. Ao seu redor, estão notáveis personagens como Florita, figura materna de Arminto, a personagem póstuma Angélica, mãe que o narrador protagonista não conheceu, o advogado Estiliano e a Madre do Convento onde habitava Dinaura em circunstâncias misteriosas.

O objetivo central desta pesquisa é estudar as personagens femininas de *Órfãos do Eldorado* visto que, nesta obra, a história de um homem se constrói nas histórias destas mulheres. Seria impossível fazer esta análise, porém, ignorando outros aspectos da novela tais como o seu teor de denúncia de mazelas sociais e a desconstrução do mito do *Eldorado* que dá nome ao livro. Também não seria cabível elaborar uma pesquisa ignorando o cenário no qual o autor se inscreve. Levando em conta essas considerações, primeiramente neste trabalho se faz uma exposição de um panorama da produção literária contemporânea no Brasil. Como embasamento e fonte de estatísticas foi utilizada a extensa pesquisa da profa. Dra. Regina Dalcastagné acerca do perfil de quem publica atualmente nas editoras de prestígio do Brasil e sobre quais grupos sociais esses autores escrevem. O recorte desta pesquisa abrange a década de 1994 à 2004, quatro anos antes da publicação de *Órfãos do Eldorado* em 2008. Também foi incluída nesse levantamento uma pesquisa da mesma autora acerca das personagens femininas presentes na literatura que se faz atualmente no Brasil.

A seguir, inicia-se o estudo de *Órfãos do Eldorado*. Primeiramente é feito um estudo dos já mencionados aspectos impossíveis de ignorar dentro da obra. Em seguida, no segundo capítulo, entra em foco o estudo da personagem e as suas configurações, incluindo as considerações do próprio Milton Hatoum, uma vez que

além de escritor ele é também profissional da área das Letras. Finalmente, se faz o estudo das quatro personagens mulheres de *Órfãos do Eldorado* em busca de compreender as suas complexidades e o seu impacto na narrativa e na vida e formação do narrador protagonista, Arminto Cordovil.

Durante a minha graduação, desenvolvi uma preferência por incluir em minhas pesquisas acadêmicas a leitura de teses e dissertações de outros profissionais de Letras, buscando essas produções pelos meios que me são disponíveis, seja em arquivos físicos ou virtuais. Acredito que, fazendo desta forma, essas produções intelectuais mantém o debate acadêmico atualizado e o trabalho de seus autores é devidamente valorizado. Creio também que observar a pesquisa e a escrita destes acadêmicos contribui para o meu próprio crescimento como pesquisadora, me fazendo mais atenta e crítica em minha produção.



## 1. Sobre Órfãos do Eldorado

### 1.1 O autor e a obra

Mas a história de uma mulher não é a história de um homem?  
(HATOUM, 2008)

É recomendável localizar o autor e a sua obra no contexto da produção literária de seu tempo e de seu país. Sendo Milton Hatoum um autor contemporâneo, torna-se interessante então inseri-lo no cenário da produção literária atual do Brasil, sem perder de vista o foco da pesquisa: as personagens femininas.

Um relevante panorama sobre a literatura brasileira contemporânea é desenhado por dois artigos de Regina Dalcastagné, pesquisadora e professora titular de Literatura Brasileira na UnB e coordenadora do Grupo de Estudos em Literatura Brasileira Contemporânea: *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990 - 2004*, publicado em 2005, e o derivado *Imagens da mulher na narrativa brasileira*, publicação em revista científica, em 2007. De título auto explicativo, o primeiro (DALCASTAGNÉ, 2005) é uma pesquisa sobre os personagens retratados no romance brasileiro no período citado. Foi feita uma pesquisa a partir da leitura das obras publicadas nesse período pelas três maiores casas editoriais brasileiras - a Companhia das Letras, a Rocco e a Record (cerca de 260 obras). É uma pesquisa sobre quem escreve e sobre o que é escrito. Logo, compreendemos que o que é retratado no romance contemporâneo brasileiro é um reflexo de quem compõe essa “classe escritora” do país: homens, entrando ou já na meia idade, brancos, com alto nível de escolarização e habitantes dos centros urbanos do país, principalmente Sul e Sudeste. De 165 autores publicados no *corpus* selecionado da pesquisa, 120 são homens, o que forma 72,7% do total. Entre homens e mulheres publicados nesse período, 93,9% são brancos. Além disso, 78,8% possuem escolaridade superior e são, em sua maioria, jornalistas, acadêmicos, tradutores, roteiristas ou dramaturgos - ou seja, já habitantes dos meios de produção cultural escrita. Eles estão também geograficamente concentrados - 70% se encontram no Sul e Sudeste do país, principalmente em São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro. A pesquisa conduzida desde 2003 por Regina Dalcastagné

mostra que os dados encontrados nos romances não são muito diferentes dos referentes a quem os escreve: das obras publicadas, 60% se passam no período atual, sendo o período da Ditadura Militar o segundo mais registrado. 82,6% dos romances estudados são ambientados nas metrópoles, e mesmo os que se passam em cidades pequenas ou no meio rural também possuem a metrópole como ambientação parcial. O romance brasileiro é, portanto, urbano e contemporâneo.

Quanto a personagens: estabelecidos os critérios de pesquisa para a identificação dos personagens<sup>1</sup>, foi notado que o romance brasileiro é composto majoritariamente por personagens humanas, das quais 62,1% são do sexo masculino. Os homens são ausentes em apenas 1,6% das narrativas, enquanto não se encontram personagens mulheres em 15,9% dos romances. Além de serem minoria quantitativa, é notável também que menos mulheres ocupam o lugar de narradoras e protagonistas dos romances. São 28,9% de mulheres protagonistas e 31,7% de narradoras contra 71,1% de protagonistas homens e 68,3% de narradores. O espaço que essas mulheres ocupam nas narrativas é primariamente o espaço doméstico, sendo donas de casa (quando são brancas), artistas, sem ocupações definidas, empregadas domésticas ou prostitutas (números que sobem consideravelmente quando se trata de personagens femininas não-brancas) . A pesquisa também mostra que o foco da narrativa sobre essas mulheres recai nas suas relações familiares ou amorosas, excluindo assim as situações de trabalho, amizade ou inimizades.

Esses são os enfoques de gênero. Na continuidade da pesquisa percebe-se que, além de a maioria dos personagens do romance brasileiro serem brancos, são brancos também os associados com as elites e aqueles cuja subjetividade foi tratada com mais atenção. Os personagens negros nas tramas do romance brasileiro contemporâneo estão quase sempre ligados à pobreza, às favelas e à violência – sobe consideravelmente o número de personagens bandidos, contraventores ou sem ocupação entre os personagens negros nos romances, enquanto as mulheres,

---

<sup>1</sup> Foram registrados os personagens mais importantes da trama, excluindo-se os figurantes. Vale notar aqui como o critério de seleção de personagem é subjetivo. A própria autora da pesquisa chama atenção também para o fato de que o conceito *personagem* está se tornando cada vez mais abstrato e difícil de se definir - desde o século XX, a personagem vem se tornando uma entidade cada vez mais complexa e descarnada, perdendo as suas descrições físicas, personalidades e até mesmo nomes. Também é mencionado no artigo sobre a representação feminina que o romance brasileiro é, em sua maioria, curto, com cerca de 200 páginas, o que não dá muita margem para o desenvolvimento mais específico das personagens.

como já foi mencionado, se tornam empregadas domésticas, donas de casa ou prostitutas.

A questão da mulher na literatura contemporânea brasileira retorna no segundo artigo mencionado, intitulado *Imagens da mulher na literatura brasileira* (DALCASTAGNÉ, 2007), dessa vez, estabelecendo uma comparação entre as mulheres escritas por homens e as mulheres nos romances escritos por mulheres, na produção brasileira. A primeira coisa que salta à vista é que as mulheres escrevem mais sobre homens do que os homens escrevem sobre mulheres. Apesar de, nos romances escritos por mulheres, a posição de protagonista ser ocupada predominantemente por mulheres, elas são cerca de 50% dos personagens, enquanto na escrita masculina as mulheres são apenas cerca de 30% dos personagens. Uma possível explicação seria que, como a maioria dos personagens são homens, as mulheres teriam mais acesso à perspectiva masculina do que os homens à feminina. De qualquer modo, fica claro que as personagens femininas escritas por mulheres são mais plurais e detalhadas - apesar de serem, como marca a pesquisa maior de Dalcastagné, em sua maioria, brancas. As mulheres escritas por homens são menos detalhadas acerca de sua aparência, porém destacam-se, como suas principais qualidades, a beleza e apelo sexual, e não a inteligência ou outras habilidades que escapem do âmbito doméstico ou de atividades tradicionalmente femininas (como dança ou costura.). Elas também são quase sempre mais jovens e aparecem em mais posições de fragilidade (a dependência química é o exemplo utilizado no artigo) do que as mulheres escritas por autoras.

Foi possível constatar, também, que questões como maternidade e sexualidade apresentam algumas diferenças quando abordadas por autores e autoras. A sexualidade é, na pesquisa de Regina Dalcastagné, mais escrita e mais detalhada quando a literatura é feita por mulheres. Porém, nesse universo, as personagens femininas aparecem mais insatisfeitas com o sexo e com seus corpos do que é mostrado na literatura escrita por homens. Nas obras das escritoras, também, elas possuem mais parceiros e as situações envolvendo traições - tanto por parte das mulheres como por parte de seus cônjugues - é maior. A maternidade é outro ponto de comparação no texto, e, considerando que os temas familiares são fortes na literatura de Milton Hatoum, merece aqui atenção: segundo a pesquisa de Regina Dalcastagné, o discurso que atribui às mulheres o papel de mãe, reforçando

a noção do instinto materno (ou seja, de uma naturalização das relações entre mães e filhos, dispensando a ideia de que o amor é algo que precisa ser construído numa relação) é bastante frequente na literatura brasileira. O que varia entre a produção de autores e autoras é a quantidade de filhos e as nuances desses relacionamentos. Além de as personagens ocuparem mais a posição de mães quando escritas por autores, elas também possuem mais filhos biológicos e do sexo masculino. As autoras, por sua vez, delegam mais a maternidade e um maior número de filhos às mulheres negras do que às mulheres brancas. Entre os autores, os sentimentos com que as personagens femininas encaram a maternidade são, em sua maioria, os de responsabilidade e plenitude, mas também passam pela indiferença. Enquanto trabalham com uma gama mais variada de sentimentos, tais como a sobrecarga, o cansaço e a culpa, as autoras brasileiras não põem a indiferença em relação aos filhos sequer como uma opção para as suas personagens.<sup>2</sup>

O que falar de Milton Hatoum à luz da pesquisa de Regina Dalcastagné? Milton Hatoum ocupa um lugar interessante no contexto ilustrado pela extensa pesquisa de Regina Dalcastagné. Ele faz parte, segundo as estatísticas, do perfil de escritor dominante na produção da literatura brasileira - homem, branco, com alto nível de escolaridade e que, apesar de originário do norte, o que é marcante na sua obra, habitar atualmente o Sul-Sudeste do país.

O escritor amazonense contemporâneo Milton Hatoum possui uma obra que alcança a universalidade por meio de seu caráter local. Nascido em 1952 e formado em arquitetura pela USP, lançou seu primeiro romance, *Relato de um Certo Oriente*, em 1989, tendo conquistado o Prêmio Jabuti na categoria romance. Seu segundo romance foi *Dois Irmãos*, publicado uma década depois, no ano de 2000. Em seguida, *Cinzas do Norte*, lançado em 2005, que lhe concedeu, entre outras premiações, o Prêmio Jabuti, na mesma categoria pela segunda vez. Em 2008, publicou seu quarto romance, *Órfãos do Eldorado*, escrito como parte da coleção *Myths* da editora escocesa Canongate. Em 2009, o autor estreou como contista, ao publicar *A cidade Ilhada*, coletânea de contos escritos ao longo de quase duas décadas, e em 2013, publicou seu primeiro livro de crônicas, *Um solitário à espreita*. As suas obras são permeadas pelas temáticas da memória e da identidade, da

vivência em meio à cultura local e ao seio familiar - a Manaus de Milton Hatoum, assim como seu autor, rejeita o estereótipo recorrente sobre a região no imaginário brasileiro e estrangeiro, de selva e precariedade, e se constrói urbana e caótica, povoada por famílias de imigrantes e nativos que entram em choque e constroem o cenário manauara.

Quando escreve sobre as famílias estrangeiras, Milton Hatoum evita o romance do imigrante que busca enriquecimento numa terra distante e sente saudades do solo natal. Descendente de libaneses, expressa na literatura a sua vivência numa Manaus povoada por árabes, libaneses, muçulmanos, que trouxeram em sua bagagem as cores, aromas e memórias do Oriente do qual vieram. O autor não esquece, também, os outros muitos estrangeiros de diversas nacionalidades que se encontraram ( ou se perderam) na Amazônia, japoneses, coreanos, alemães, que vieram por uma infinidade de razões.

Ao escrever sobre a outra face de Manaus, a face dos indígenas e das palafitas na beira do rio, Milton Hatoum evita a crônica regionalista ou o relato antropológico cru e racista, que explora o sofrimento de um povo e de uma região, negando qualquer relação com outros autores amazonenses e os que porventura escreveram romances sobre a Amazônia<sup>3</sup>. A cidade construída em seus romances e contos é cenário e, ao mesmo tempo, um personagem, uma Manaus viva e cosmopolita, mas também decadente, possuidora de uma história e de um abandono melancolicamente descritos pelo autor. Os ciclos históricos de auge e decadência de Manaus são representados no texto desse escritor intimamente ligados aos ciclos e acontecimentos que ocorrem na vida íntima de seus personagens e famílias habitantes dessa capital no meio da selva.

Uma obra marcada tão frequentemente por dramas familiares e pelos relacionamentos complexos desses indivíduos e famílias com a sua terra não seria bem sucedida se não fosse possuidora de personagens relevantes, construídos com complexidade suficiente para carregar em suas caracterizações as complexidades exigidas pela trama. Em entrevista à revista *Airbone*, em Setembro de 2011, ao ser perguntando sobre a construção de seus personagens, Milton Hatoum responde:

---

<sup>3</sup> As afirmações são resultantes de entrevistas feitas ao autor, disponíveis em; <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/entrevista/milton-hatoum>

Como constrói seus personagens?

O romance é um artifício verbal, feito com sentimento, inspiração, paixão. E a arte não está desvinculada da reflexão. Os grandes romances narram os dramas familiares e sua arte está em retratar uma vida particular. O que atrai o leitor é a vida das pessoas. O grande desafio é fazer personagens convincentes, complexos, ao mesmo tempo contraditórios e vivos. Isso dá trabalho. Todos eles têm algo de mim. Os meus piores sentimentos, o meu lado obscuro está lá. (HATOUM, 2011)<sup>4</sup>

Chamam a atenção as personagens femininas do escritor. De acordo com a diversidade de suas obras, essas mulheres ficcionais ocupam os papéis de mães e irmãs, amantes, patroas e empregadas, imigrantes ou manauaras integrantes dos mais diversos espaços sociais que ele aborda. Em outra entrevista, Milton Hatoum é questionado especificamente sobre o desenvolvimento de suas personagens femininas:

Em sua obra, embora os homens sejam personagens relevantes, há um conjunto de mulheres – e eu destacaria Emilie – que ocupa lugar fundamental em seus livros. O que essas mulheres representam em seu universo ficcional?

Na minha vida as mulheres tem um papel central. Mãe, tias, avó, as amigas de minha mãe que frequentavam a casa da infância, todas exerciam um fascínio em mim. Sempre me interessei por personagens femininas, em muitos casos mais sutis que os masculinos. É o fascínio da incompreensão, da dificuldade de entender esse universo. Sei mais ou menos o que espero de um personagem masculino, mas quando se trata de uma mulher, é quase sempre uma travessia de um abismo. Por isso me entreguei com ardor na construção dessas personagens, e até escrevi meu primeiro romance narrado por uma mulher. Um dos grandes narradores da história da literatura é uma mulher (Sherazade), que conta histórias para que possa sobreviver. (HATOUM, 2009)<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Entrevista disponível no site do autor

<sup>5</sup> Navegações, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 160-162, jul./dez. 2009

A personagem Emilie, destacada pelo entrevistador, é a matriarca da família libanesa apresentada em *Relato de um certo Oriente*, mãe adotiva da narradora não nomeada, figura central em torno da qual giravam os relacionamentos da família e muitas de suas relações sociais.

Em *Órfãos do Eldorado*, são as mulheres da vida de Arminto Cordovil as responsáveis pelas grandes decisões de sua vida. Esse trabalho se dedica a analisar as personagens femininas dessa novela de Milton Hatoum, a fim de debruçar-se sobre as suas ambiguidades e seu relacionamento com o protagonista do enredo, Arminto Cordovil, e sobre o modo como essas mulheres construíram e afetaram a sua vida. Será feita, portanto, uma abordagem de *Órfãos do Eldorado* e, em seguida, um estudo dedicado a cada uma de suas personagens femininas mais relevantes.

## **1. 2 Órfãos do Eldorado e seus principais elementos**

*Órfãos do Eldorado* é o quarto livro publicado de Milton Hatoum, uma novela de pouco mais de 100 páginas, lançada em 2008 como parte da coleção *Myths*, pertencente à editora escocesa Canon Gate. A recepção crítica do livro foi imediatamente muito positiva, tendo obtido o segundo lugar no Prêmio Jabuti (categoria romance). Em 2015, foi adaptado para o cinema em filme do mesmo nome, dirigido por Guilherme Coelho. Segundo o autor, a obra foi escrita sob encomenda para fazer parte da coleção estrangeira, cujo objetivo é apresentar mitos universais repaginados por escritores contemporâneos, sendo Milton Hatoum o participante brasileiro solicitado. Em entrevista, ele esclarece:

Veja o *Órfãos do Eldorado*, que escrevi sob encomenda para uma coleção sobre mitos de uma editora escocesa, a Canon Gate. Eles queriam um escritor brasileiro. Apresentei um projeto que partia de um mito do Eldorado. Os caboclos sonham com uma cidade utópica no fundo do rio, sem injustiça, sem dor, sem sofrimento. Mas a ideia não era fazer uma descrição do mito, algo que um antropólogo ou um etnólogo fariam muito melhor do que eu. O desafio era trazer

aquilo para o realismo. No momento em que o mito perde a sua crença é que ele se transforma em literatura. Como escrever uma ficção realista do Eldorado? Como fazer com que o mito se transforme em drama familiar? Eu não queria deixar a narrativa no plano do romanesco. Como dizia Machado: “Fuja do romanesco. Tudo que é romanesco é sórdido”. Eu fugi. (HATOUM, 2009)

Na novela, o leitor é projetado em um ouvinte a quem Arminto Cordovil, já velho e empobrecido, narra as suas memórias. E, de fato, o episódio narrado por Arminto, que inicia *Órfãos do Eldorado*, define o tom da narrativa: numa tarde, quando Arminto era criança, uma índia causou um alvoroço que atraiu a sua atenção na beira do rio - ela falava e apontava em direção ao rio, até o momento em que pulou na água e começou a nadar. Ele soube, por tradução de Florita, que a mulher dizia, em língua indígena, que estava decidida a deixar para trás sua vida solitária com um marido ausente e ir em busca da cidade encantada no fundo do rio, um lugar onde não existia sofrimento e onde iria morar com o seu amante, também um ser encantado. Arminto lembra que umas meninas do colégio assistiram a cena e saíram chorando, e que Florita traduzia tudo aos poucos, desconfiada. O corpo da índia foi sumindo em meio às águas e ela nunca mais foi encontrada. É o seu primeiro contato com a lenda da cidade submersa.

Arminto passa a infância entre o universo burguês da classe alta do Amazonas e a convivência com as crianças indígenas da região. Sempre em sua companhia, nesses dois ambientes, estava Florita, uma índia e empregada da casa que, sendo Arminto órfão de mãe, foi a sua figura materna na infância. Ao longo de toda a narrativa, Florita é tradutora e intermediária de Arminto em vários aspectos de sua vida. Nos primeiros anos, é ela quem traduz para a língua portuguesa as histórias, “lendas estranhas” ( HATOUM, 2008, p.12) que ele ouvia das outras crianças e de suas avós. Após o episódio da mulher que se jogou no rio, Arminto reconta mais algumas histórias que ouvira traduzidas por Florita, que lhe deixaram as maiores impressões: o “homem da piroca comprida”, que fígava moças do outro lado do rio e morreu enforcado pelo próprio membro; a mulher seduzida por uma anta-macho, que, ao ser punida pelo marido, jogou-se no rio e virou um sapo, deixando para trás o marido arrependido. Dentre essas, a história que mais assustou



- e marcou - Arminto foi a da cabeça cortada, sobre uma mulher que separava o corpo da cabeça e, enquanto o corpo procurava comida, a cabeça ficava apoiada no ombro do homem, silenciosa e viva, até que o corpo foi roubado e restou ao marido a tarefa de procurá-lo pelo resto da vida, com a cabeça da esposa pendurada em seu ombro. O próprio Arminto relaciona essa lenda com a história de sua vida, ao dizer que “Uma das cabeças me arruinou. A outra feriu meu coração e minha alma, me deixou sozinho na beira desse rio, sofrendo, à espera de um milagre.” (HATOUM, 2008, p.13). As cabeças seriam as ausências das mulheres mais importantes de sua vida.

O segundo cenário da infância de Arminto é o do palácio branco, nome dado ao casarão construído na cidade de Vila Bela por seu pai, dando continuidade ao sonho de grandeza do avô Edílio Cordovil. Dentro de casa, o relacionamento entre pai e filho, desde o início, é marcado por frieza, rejeição e agressividade - Amando parece culpar o filho pela morte da esposa, falecida durante o parto. É Florita mais uma vez que desempenha o papel de elo de ligação entre Arminto e o mundo, ao mesmo tempo que, nesse caso, ela é também o pivô do maior conflito: se antes ela era a protetora de Arminto contra a agressividade e indiferença do pai, mais tarde Florita é quem recepciona o afloramento do desejo sexual de Arminto:

Ela me beijou na boca, o primeiro beijo, e pediu que eu tivesse paciência. Louco pelas indiazinhas. Repeti essas palavras com o gosto do beijo de Florita.

(HATOUM, 2008, p.24)

É com Florita que ocorre a sua primeira relação sexual, descoberta logo em seguida por Amando. Como punição, Amando expulsa o filho do palácio branco e o força a morar em uma pensão em Manaus.

Durante esses anos, Arminto trabalhou e estudou, munido da vontade de se tornar um filho novamente reconhecido e aceito pelo pai, ainda que por pouco tempo, largando a faculdade. Florita, mais uma vez, foi a pessoa que o visitava e trazia conforto e notícias de Vila Bela. Além dela, havia na vida dos Cordovil o advogado Estiliano, o único amigo de Amando Cordovil, que também incentivou Arminto a procurar uma reconciliação com o pai. Após alguns anos, em uma véspera de Natal, Arminto volta para Vila Bela e procura se reunir imediatamente com

Amando, indo procurá-lo, em vez de esperar por ele em casa. Amando havia ido ao colégio das Carmelitas, encontrar a diretora do colégio. No exato momento em que Arminto o alcança, porém, Amando Cordovil morre no meio da praça, sem sequer falar com o filho que esteve afastado por anos.

A participação de Amando Cordovil na história não se encerra com a sua morte. Por toda a vida de Arminto, a figura do pai foi uma sombra da qual ele nunca conseguiu se livrar. No velório, Arminto descobre pela primeira vez uma faceta do pai que lhe era até então desconhecida: a do benfeitor querido pela cidade, um homem filantropo que manteve por anos doações de roupa e comida não apenas ao orfanato das carmelitas, mas a diversas zonas mais pobres da cidade, além de ter ajudado financeiramente com obras que incluíam até a melhora da cadeia local. Devido a essa grande influência regional, Amando perseguiria o filho aos olhos de todos que conheceram pai e filho, na condução dos negócios. E, mesmo após a sua morte, Amando esteve presente entre Arminto e as mulheres de sua vida: foi no funeral de Amando Cordovil que Arminto viu Dinaura pela primeira vez, mudando completamente a sua vida.

Desde o primeiro encontro, o contato entre Arminto e Dinaura encontra resistência por parte da Madre Carminal, a diretora do colégio das carmelitas e responsável pelas órfãs, que, logo em seguida a esse momento, se retira do velório com todas as moças. Amando havia, afinal, falecido pouco depois de visitar a mãe no colégio das carmelitas. É apenas no segundo encontro com Dinaura, porém, que surge o desejo obsessivo de Arminto, que até então vivia uma vida de farras entre Vila Bela e Manaus. Ele perseguia Dinaura pelas ruas, falava em trazê-la para viver com ele no palácio branco, perguntava por ela a todas as freiras da Igreja do Carmo, até ganhar fama de louco, de aproveitador de órfãs.

Estiliano, que tentava em vão fazer com que Arminto não ignorasse os negócios e embarcações da família, desaprovava ver “um Cordovil embeijado por uma mulher que veio do mato” (HATOUM, 2008, p.31). Apesar disso, porém, ele ajuda Arminto a convencer a diretora do colégio a permitir o encontro com Dinaura. Florita, por sua vez, tem ciúmes. Logo no início, ela “disse que o olhar dela era só feitiço: parecia uma dessas loucas que sonham em viver no fundo do rio” (HATOUM,

2008, p.31); diz que Dinaura é uma mulher encantada, afirma que tem sonhos ruins envolvendo a órfã.

O namoro entre Arminto e Dinaura, quando permitido pela Madre Carminal, é como a Índia: silencioso, cheio de dualidades. Eles podem se encontrar apenas aos sábados, em determinado horário, na praça em frente à igreja. A cada semana, Arminto encontra uma Dinaura diferente: se numa semana ela é distante, como se nem fizesse parte do mundo, na semana seguinte ela sorria e se jogava, com alvoroço, nos braços de Arminto. Um dos acontecimentos mais marcantes do período em que Dinaura e Arminto estiveram juntos foi a noite da festa da Santa Padroeira, em 16 de Julho. Esta era uma data pela qual Arminto não tinha o menor interesse, já que as poucas ocasiões em que ele esteve presente na comemoração são tingidas de más memórias de Amando, porém, a convite de Dinaura, eles combinam um encontro. A partir da noite da Padroeira, o comportamento de Dinaura se torna cada vez mais irregular, e ela aparece para Arminto apenas mais duas vezes - uma muito breve, e no último encontro, em que se dá a única relação sexual entre eles. Arminto não encontra mais Dinaura. Primeiro, é dito que ela se colocou em retiro absoluto. Em seguida, ela desaparece completamente, deixando para trás apenas as suposições de que teria ido para a cidade submersa.

Durante essa mesma época, há outro acontecimento crucial: a família Cordovil, da qual Arminto é o último membro restante, foi dona de um negócio de embarcações de transporte de borracha. Na época do desaparecimento de Dinaura, a principal embarcação, chamada Eldorado, sofre um naufrágio com perda total do barco e da mercadoria. O seguro do barco não havia sido renovado e até então Arminto havia ignorado todas as dívidas que a empresa acumulou desde antes da morte de Amando. A partir daí, então, Arminto estava arruinado financeiramente, não lhe restando alternativa a não ser vender todas as propriedades da família. Isto não o impede, porém, de gastar todo o dinheiro que lhe restava, contratando barcos e pessoas para procurar Dinaura. O que ele encontra, porém, são "mitos e meninas violentadas" (HATOUM, 2008, p.65): durante anos, Arminto é cercado por rumores de que Dinaura, após enfeitiçá-lo, foi morar na cidade submersa, explicação que era repetida pelos barqueiros. Quando não voltavam de mãos vazias, esses homens traziam consigo meninas de comunidades ribeirinhas, órfãs, geralmente abusadas e vendidas, algumas pelos próprios pais. Elas eram entregues a Arminto por pena ou

por maldade, e ele as entregava ao orfanato.

Nessas circunstâncias, Arminto e Florita caíram na pobreza, sobrevivendo de pequenos favores e dos trabalhos que conseguiam desempenhar: Arminto levava turistas a passeios de barco pelo rio e Florita vendia lanches em um tabuleiro. Florita, envelhecida e cansada, começa a repetir o desejo de ir embora. Em uma de suas conversas com Arminto, eles retomam o acontecimento que inicia o livro, da tapuia que se jogou no rio – Florita revela a ele que a história que lhe contara era uma mentira. A Índia havia perdido o marido e os filhos para as doenças e quis se suicidar no rio. É assim que Florita escancara o significado por trás da ida para a cidade encantada: ir para um lugar melhor, um lugar em que sofrimento e injustiças não existem é, na verdade, o suicídio - coisa que Arminto, por tantos anos, nunca realmente percebeu. Florita é a primeira a falecer, pelo cansaço e pela idade.

Anos depois, quando a Arminto só restava morar em uma tapera, ele recebe uma visita de Estiliano. O advogado, pressentindo o final de sua vida, visita Arminto com a intenção de não morrer levando consigo o segredo da origem de Dinaura - e a órfã, da mesma forma que Florita, foi uma mulher cuja história se entrelaçava entre as de Arminto e Amando Cordovil:

Disse que queria me contar antes de morrer. Era um segredo entre ele e meu pai. Mas ele não sabia tudo.

(...) Teu pai quis conversar comigo na Chácara do bairro dos Ingleses. Ele estava nervoso, angustiado. Quase não reconheci o homem . Disse que sustentava uma moça órfã. Por pura caridade. Depois disse que não era só caridade. E me pediu que não contasse para ninguém . Não me disse se era filha ou amante... Tinha idade para ser as duas coisas. (...) Ele trouxe a moça para cá, disse para madre Caminal que era uma afilhada dele e que devia morar com as carmelitas. Pediu que a diretora guardasse esse segredo. Sei que Dinaura morava sozinha numa casa de madeira que Amando construiu atrás da igreja. Vivia com regalias, comida boa, e eu mandava livros, porque ela gostava de ler. Foi um erro de Amando. Um erro moral. Mas ele queria morar aqui e ficar perto dela.  
(HATOUM, 2008, p.97-98)

Estiliano então revela que, enquanto Arminto fazia uma viagem para Manaus, na época em que o Eldorado naufragou, ele ajudou Dinaura, a pedido dela, a ir embora, e mostra a Arminto um mapa da ilha para onde Dinaura havia partido, que se localizava em Manaus, ou Eldorado: “Já foram sinônimos, disse ele. Os colonizadores confundiam Manaus ou Manoa com o Eldorado. Buscavam o ouro do Novo Mundo numa cidade submersa chamada Manoa. Essa era a verdadeira cidade

encantada” (HATOUM, 2008, p.99). Ele vai embora depois de deixar algum dinheiro para Arminto realizar a busca. Na ilha prometida havia um pequeno povoado abandonado, antes habitado por aleijados e leprosos. Nele, Arminto encontra uma casa e uma menina. *Órfãos do Eldorado* termina, portanto, sem explicitar se Dinaura retornou ou não à vida de Arminto.

O Eldorado, a cidade mítica onde sempre há riquezas e nunca sofrimento é, na realidade, um local de miséria e abandono. Em sua dissertação *Mito, História e Memória em Órfãos do Eldorado de Milton Hatoum*, escrita em 2013 (UNESP), Vivian de Assis Lemos afirma que o objetivo de Milton Hatoum em *Órfãos do Eldorado* é escrever uma desconstrução irônica do mito da cidade encantada, que é por sua vez uma ramificação do mito universal de um paraíso terrestre. Na mesma dissertação, ela dedica um breve capítulo a traçar a história desse mito, em particular em solo brasileiro, trazido por colonizadores em busca de enriquecimento através da exploração da terra:

Em meados do século XV, com a expansão do mercantilismo, acreditou-se que no Novo Mundo estaria esse lugar paradisíaco. Tal visão deveu-se às descrições feitas pelos espanhóis das terras americanas recém- descobertas, nas quais o tom fantasioso ganha destaque. Foram muitas essas cartas, mas as principais são as de Américo Vespúcio.

A associação do Eldorado à América é reforçada por Colombo que, ao descrever as Índias, afasta-se da baliza do possível e do real, deixando livre o trabalho da imaginação que serviria para engrandecer a visão tida do Novo Mundo a partir da descrição dos navegadores que lá estiveram. ( LEMOS, 2013, p. 54)

Esse descobrimento foi, em seguida, associado à febre em busca do ouro. Progressivamente, a ocupação das terras da América e o contato com as populações nativas e suas lendas direcionaram as buscas de uma terra prometida à busca de uma cidade encantada, "mais conhecida como *Eldorado*, mas que também recebeu, de acordo com Pizarro (2012), o nome de Manoa ou Paititi." (LEMOS, 2013, p. 59)

A denúncia da exploração desmedida da região Amazônica em nome da ganância e da corrupção humana faz de *Órfãos do Eldorado* um livro com forte

conteúdo político. Os ciclos de ascensão e decadência da família Cordovil acompanham a história de desenvolvimento e empobrecimento de Manaus. A época em que se passa o livro é incerta, com vagas especificações - a mais precisa delas sendo, talvez, a menção à primeira visita de Getúlio Vargas à Amazônia, em 1940, já quando Arminto era velho e Florita havia falecido. Isso põe o enredo de *Órfãos do Eldorado* cronologicamente no fim do primeiro ciclo da borracha. Historicamente, a partir do final do século XIX, a exportação da borracha toma impulso e passa por uma transição, em que os produtos manufaturados dão lugar à exportação da matéria prima em estado puro para países imperialistas, estabelecendo-se, na região da Amazônia, uma economia essencialmente extrativista, que proporcionou enriquecimento fácil a poucos e um barateamento da mão de obra, e transformou Manaus em um centro urbano. No ciclo da borracha ficcional de Milton Hatoum, a família Cordovil enriqueceu ao longo de duas gerações, primeiramente com a exploração rural e, em seguida, com Amando Cordovil, com o transporte da matéria-prima para o exterior. Essa Amazônia é claramente dividida entre dois mundos: a Manaus cosmopolita, com grandes disparidades sociais, e a cidade mítica, das lendas e do Eldorado.

A narrativa de Milton Hatoum, através de Arminto, percorre a vida urbana da cidade, em seus círculos de alta e baixa classe social. Nos anos de juventude, que passou vivendo primeiramente na pensão Saturno e em seguida num quarto melhor<sup>6</sup>, Arminto morava em meio à classe trabalhadora e ele mesmo fazia serviços de entregas e pequenos trabalhos em mercearias, após uma curta estadia na faculdade, como estudante de Direito. A visão do *Eldorado*, o principal cargueiro da empresa dos Cordovil, lhe parece apenas símbolo de cobiça e ilusão. Após do falecimento de Amando Cordovil, o leitor vê, através da vida boêmia que Arminto leva com o dinheiro da família, o fluxo de estrangeiros e *glamour* cosmopolita típico de uma cidade que sai de seus resquícios coloniais e se torna, mesmo que momentaneamente, um pólo de cultura e desenvolvimento cultural. Manaus “tinha tudo: luz elétrica, telefone, jornais, cinemas, teatros, ópera” (HATOUM, 2008, p. 2008). Arminto, porém, gasta os restos de sua fortuna sem nunca aderir ao sonho de grandeza associado com esse crescimento. Em tempos de penúria ou

---

<sup>6</sup> Após entrar para a faculdade, Arminto sai da pensão Saturno e vai morar em um quarto alugado na rua Marquês de Santa Cruz, no Centro de Manaus.

desenvolvimento, há sempre uma grande parte da população - os indígenas, os nordestinos - que permanece sem esperança de melhora.

É entre os miseráveis da região que reside a Manaus das lendas e do mito. Retornamos, então, aos estudos do mito em *Órfãos do Eldorado*. Já foi informado que Vivian de Assis Lemos, em sua dissertação, defende que Milton Hatoum se apropria do mito da cidade encantada para desconstruí-lo ironicamente: o Eldorado promissor, de riquezas e justiça, é também o lugar onde se encontra a felicidade. E, para Arminto Cordovil, essa felicidade e, por consequência, o mito estão indissociáveis de Dinaura. Ao final do livro, porém, a cidade encantada e a mulher amada estão num local de abandono, doença e descaso.

Lemos se destaca por relacionar a desconstrução do mito à ironia na escrita de Milton Hatoum. Existem, porém, leituras semelhantes, criando um quase consenso entre os estudos de *Órfãos do Eldorado* sobre o uso do mito no livro, como máscara que encobre uma realidade desagradável e busca da felicidade em um plano ideal. Lucimara Regina de Souza Vasconcelos, em *A função da transposição dos mitos em Órfãos do Eldorado de Milton Hatoum*<sup>7</sup>, endossa essa leitura e afirma que:

De modo geral, se pode afirmar que o mito em *Órfãos do Eldorado* cumpre dois propósitos principais, o primeiro é o de conferir um caráter mágico às personalidades complexas apresentadas na novela/romance e o segundo é o de oferecer uma compensação para as incongruências do real. (VASCONCELOS, 2010, p. 103)

O caráter mágico acima mencionado se refere, de maneira geral, às origens e à impossibilidade de se decifrar Dinaura, o que retoma a associação direta entre ela e a busca pela cidade encantada. Sobre as funções do mito como justificativas ou compensações para a realidade insatisfatória, são exemplos as crenças ouvidas por Arminto na infância, traduzidas por Florita - as mulheres seduzidas por animais ou criaturas sobrenaturais, que justificam "comportamentos reprováveis para a sociedade da época tratada, retirando a responsabilidade da pessoa dita afetada e transferindo-a a um ente sobrenatural, potente e incompreensível." (VASCONCELOS, 2010, p. 100).

---

<sup>7</sup> Dissertação de Mestrado apresentada em 2010 no Centro Universitário Campos de Andrade - UNIANDRADE, em Curitiba.

A impossibilidade de separar os mitos e suas funções na narrativa das personagens femininas mais marcantes em *Órfãos do Eldorado* cria a oportunidade para que, a partir daqui, possamos dar início ao estudo proposto por esse trabalho. Seguiremos, no próximo capítulo, portanto, à elaboração da leitura das personagens femininas na obra de Milton Hatoum, após uma breve teorização acerca das características e definições da personagem.



## 2. As mulheres da cidade encantada

### 2.1 O que é a personagem?

O que diferencia uma pessoa real e uma personagem? Anatol Rosenfeld, em “Literatura e personagem” (1968), considera que essa diferença “reside no fato de que as últimas nunca alcançarão a determinação da primeira” (ROSENFELD, 1968, p. 32). As pessoas (e objetos) reais se apresentam como unidades concretas e, principalmente, inesgotáveis. São infinitas, enquanto a percepção que temos delas é limitada, fragmentada. As personagens, porém, são completas em sua finitude, construídas através de nossa projeção, por meio da ficção, de nossas próprias percepções limitadas. Essa finitude das personagens ficcionais é o que motiva Rosenfeld a afirmar que “precisamente a limitação da obra ficcional é a sua maior conquista” (ROSENFELD, 1968, p. 34), uma vez que é essa limitação que faz com que um autor ou autora consiga apresentar os mistérios do ser humano sujeitos à nossa completa compreensão. Rosenfeld elabora:

“Precisamente porque se trata de orações e não de realidades, o autor pode realçar aspectos essenciais pela seleção dos aspectos que apresenta, dando às personagens um caráter mais nítido do que a observação da realidade costuma a sugerir levando-as, ademais, através de situações mais decisivas e significativas do que costuma ocorrer na vida. Precisamente pela limitação das orações, as personagens têm maior coerência do que as pessoas reais (e mesmo quando incoerentes mostram pelo menos nisso coerência); maior exemplaridade (mesmo quando banais; pense-se na banalidade exemplar de certas personagens de Tchecov ou Ionesco); maior significação; e, paradoxalmente, também maior riqueza — não por serem mais ricas do que as pessoas reais, e sim em virtude da concentração, seleção, densidade e estilização do contexto imaginário, que reúne os fios dispersos e esfarrapados da realidade num padrão firme e consistente. Antes de tudo, porém, a ficção é único lugar — em termos epistemológicos — em que os seres humanos se tornam transparentes à nossa visão, por se tratar de seres puramente intencionais a seres autônomos; de seres totalmente projetados por orações.” (ROSENFELD, 1968, p. 34-35)

“Literatura e personagem” é o primeiro capítulo do livro *A personagem de ficção*, publicado em 1968. O capítulo seguinte a este é “A personagem do romance”, de Antonio Candido. Nele, Antonio Candido reitera os posicionamentos de Rosenfeld quanto à finitude das personagens como forma de nos permitir uma elucidação maior do que significa ser humano. Ele traz para seu texto as elaborações de E. M. Forster em seu livro *Aspects of the Novel*, que faz “uma distinção pitoresca entre a personagem de ficção e a pessoa viva” (CANDIDO, 1968, p. 63), o *homo fictus* e o *homo sapiens* - o *homo fictus* vive, segundo Forster, em proporções diferentes do homem real, pois pode comer ou dormir menos, mas vive mais intensamente as tragédias e relações humanas, principalmente as amorosas.

Além disso, o capítulo foca nas funções da personagem no romance: o romance moderno, do século XVIII ao início do século XX, foi, segundo Antonio Candido, “no rumo de uma complicação crescente da psicologia das personagens, dentro da inevitável simplificação técnica imposta pela necessidade de caracterização” (CANDIDO, 1986, p. 60), o que consiste na transição de um enredo complicado com personagens simples à elaboração de enredos simples movidos por personagens complexas, de quem a qualquer momento pode surgir um novo mistério, cujo ápice, nesse aspecto, teria sido *Ulysses*, de James Joyce. Já Regina Dalcastagné, em *A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004*, brevemente elabora que, do século XX para a contemporaneidade, a personagem vem ganhando cada vez mais complexidade e se tornando mais abstrata, escorregadia e difícil de definir, perdendo as características que permitem a sua identificação, tal como nomes, roupas, descrições. É possível observar que Milton Hatoum não parece estar contra a transição apontada por Regina Dalcastagné: Arminto Cordovil narra a sua história em *Órfãos do Eldorado*, mas dele não sabemos a aparência nem idade precisa. Mais ainda, em *Relato de um certo Oriente*, a narradora é uma figura anônima, sem nome, em busca de sua própria identidade.

E como se cria uma personagem? É o questionamento seguinte de Antonio Candido em “A personagem do romance”. Se as personagens não são reais, seriam elas então transplantadas da realidade, tendo como moldes pessoas reais? O autor faz mais uma vez menção a Forster, ao dizer que “uma personagem nos parece real quando 'o romancista' sabe tudo a seu respeito”, ou dá esta impressão, mesmo que não o diga” (CANDIDO, 1968, p.66). Nesse processo de criar a personagem, então,

de que maneira o autor ou autora se baseia na realidade para fazer a ficção? Antonio Candido traz então as proposições de François Mauriac, para quem “o grande arsenal do romancista é a memória” (CANDIDO, 1986, p. 66-67), isto é, elas (as personagens) não correspondem exatamente às pessoas vivas, mas nascem das impressões dos autores e autoras que as escrevem. Ainda segundo Mauriac, há uma relação muito próxima entre autor e personagem, no sentido de que em cada personagem há também um pouco da pessoa que escreve. Baseado nessas considerações, Mauriac postula uma classificação das personagens a partir do grau de afastamento que elas têm da realidade - são três: 1) podem ser as personagens versões disfarçadas do autor, uma expressão dele ou dela mesma no âmbito ficcional; 2) são cópias de pessoas reais, reproduções intencionadas, como aquelas dos romances retratistas; e 3) são completamente inventadas, sem nenhuma base real.

Antonio Candido, porém, se desprende das afirmações de Mauriac, por preferir que “de maneira geral, só há um tipo eficaz de personagem, a *inventada*; mas que esta invenção mantém vínculos necessários com uma realidade matriz .” (CANDIDO, 1968, p. 69). Ele admite, então, dois extremos do mecanismo de criação das personagens: são elas baseadas em pessoas e observações da vida real coletadas pelo autor ou completamente inventadas. Entre esses dois polos, haveria uma gama extensa - são sete tópicos por ele indicados: 1) personagens transpostas com certa fidelidade a partir de experiências reais do escritor ou escritora; 2) personagens indiretamente transpostas da realidade, como no caso de personagens em romances históricos ou a partir de membros da árvore genealógica do autor, como reconstrução da memória familiar; 3) personagens construídas a partir de um modelo real, conhecido pela pessoa que escreve, e desconfiguradas, mas não ao ponto de se tornar impossível o seu reconhecimento; 4) personagens que, apesar de construídas a partir de um modelo, os tem apenas como pretextos, e o autor ou autora as inventa, compondo-as como preferir; 5) personagens que são fusões de um modelo principal, que o autor possui da vida real, à qual são adicionados modelos coadjuvantes; 6) numa escala maior do que a do ponto cinco, são estas as personagens que são criadas a partir da aglomeração de fragmentos de modelos que o autor ou autora possui; 7) por último, são as personagens cujas raízes já não são mais identificáveis, uma vez que não tem modelo consciente, que

não pode ser traçado até sua origem. São, de certa forma, arquétipos, criadas a partir de um modelo ideal.

Essa proposta de Antonio Candido busca esclarecer os mecanismos de criação de personagens para fins de estudo. Ele ressalta que o "próprio autor seria incapaz de determinar a proporção exata de cada elemento, pois êsse trabalho se passa em boa parte nas esferas do inconsciente e aflora à consciência sob formas que podem iludir." (CANDIDO, 1968, p. 74). Milton Hatoum também declara em entrevistas que deve haver uma semelhança entre as personagens e as pessoas reais, mas que, ao mesmo tempo, as personagens vivem de maneira diferente: "Os personagens não são pessoas. Parecem pessoas, têm que parecer, mas não se parecem com as pessoas que a gente convive." (HATOUM, 2009)<sup>8</sup>. Declaradamente, a sua elaboração de personagens se dá de maneira natural, num processo em que as pessoas que participam da sua vida, da sua experiência em Manaus, entram no seu trabalho, talvez não intencionalmente e não como transplantes conscientes, mas como "seres inventados, que não são mais aqueles, nunca são as pessoas" (HATOUM, 2009).

Como conclusão, Antonio Candido escreve que a criação das personagens depende, mais do que tudo, de uma organização interna, e não externa, ou seja, que a personagem depende de sua coerência dentro do romance. Ou seja, que "no plano crítico, que o aspecto mais importante para o estudo do romance é o que resulta da análise da sua concepção, não da sua comparação com o mundo". (CÂNDIDO, 1968, p. 75).

## **2.2 - As personagens femininas em *Órfãos do Eldorado*:**

A metodologia de abordagem das personagens femininas de *Órfãos do Eldorado* dá-se de maneira pontual, em tópicos, em ordem crescente de relevância e complexidade dentro da narrativa - ou seja, começaremos pela Madre Carminal, e em seguida serão abordadas Angélica Cordovil, Dinaura e Florita. Porém, após a análise dessas personagens, é interessante notar que, nessa narrativa, nenhuma mulher desenvolveu um relacionamento exclusivamente com o protagonista, Arminto Cordovil - a sua inabilidade de se desprender da figura do pai também é registrada

---

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www.saraivaconteudo.com.br/Entrevistas/Post/10071>

nos seus relacionamentos com as mulheres mais influentes em sua vida, uma vez que todas elas estiveram presentes nas vidas de pai e filho.

### **2.2.1: Madre Carminal**

Em uma leitura primeira e superficial, Madre Joana Carminal pode parecer antagonista e até mesmo intimidadora, uma vez que se põe inicialmente como obstáculo entre Arminto e seu desejo de aproximar-se de Dinaura. Apesar de dura com Arminto, porém, ela é justa e usa a sua instituição para dar proteção a mulheres e meninas em posições de fragilidade. Ela reforça o caráter de denúncia social em *Órfãos do Eldorado*, principalmente no que diz respeito à violência sofrida pelas mulheres da região. É o que afirma Viviam de Assis Lemos sobre o senso de justiça de Madre Carminal:

Além da ruína, marcada tanto no protagonista quanto na cidade, há, ainda, a denúncia, no livro, de comportamentos ilícitos voltados para a exploração e violência de mulheres e crianças. Nesse sentido, a personagem Madre Carminal destaca-se pelo fato de estar relacionada a uma forte ideia de caridade e justiça, não só por ser a responsável por acolher as jovens órfãs que havia na região em um número considerável, protegendo-as de um destino cruel, mas também por proibir que fossem exploradas: “Em Vila Bela, madre Joana Carminal era conhecida como a Juíza de Deus, porque proibia o escambo de crianças e mulheres por mercadorias, e denunciava os homens que espancavam a esposa e as empregadas. (HATOUM, 2008, p.42) (LEMOS, 2014, p. 71).

Estabelecida a rigidez moral da personagem, a amizade da Madre com Amando Cordovil pode se tornar uma janela para um julgamento menos maniqueísta do pai de Arminto, como insistem Estiliano, Florita e a opinião pública acerca de Amando, após o seu falecimento. Enquanto Arminto, já consciente das movimentações ilícitas do pai, no que se relaciona à empresa, e marcado pela falta de amor no relacionamento entre eles, está disposto a julgá-lo como uma personalidade que não merece redenção, as contribuições de Amando para a Igreja e a estima da Madre Carminal sugerem um caráter mais tridimensional a Amando

Cordovil. Não se esclarece, porém, a profundidade do conhecimento de Madre Carminal sobre a situação e as origens de Dinaura.

### 2.2.2 - Angélica Cordovil

Em *Órfãos do Eldorado: mito, história e orfandade*, Helena Friedrich retoma a fala de Arminto sobre a lenda das duas cabeças e a sua simbologia pessoal para o protagonista - “uma das cabeças me arruinou. A outra feriu meu coração e minha alma, me deixou sozinho na beira desse rio, sofrendo, à espera de um milagre” (HATOUM, 2008, p. 13), e deixa claro que uma dessas cabeças, a responsável pela ruína de Arminto, é a sua mãe. Personagem póstuma, Angélica morre durante o parto e deixa Arminto em um duplo estado de orfandade: órfão de mãe e órfão do amor paterno, porque impossibilitou uma aproximação entre pai e filho. Amando Cordovil escolheu amar o fantasma da esposa ao invés de amar o filho. No palácio branco havia uma fonte com a cabeça esculpida de Angélica em pedra, e em uma de suas memórias de infância, Arminto comenta que o pai, em vez de cumprimentá-lo, beijava o retrato da mãe. É relatado também um acontecimento que Arminto relaciona quase que diretamente com a lenda da cabeça cortada, uma história que Amando contava mais para a esposa (como se ela estivesse viva) do que para Arminto: sobre um homem, antigo trabalhador da fazenda da família, havia desrespeitado Angélica e, por isso, foi enforcado, teve o corpo transportado pelo rio e, no destino final, teve a sua cabeça decapitada pendurada numa estaca. A violência do ocorrido assombra Arminto, e seu medo, naquela época, foi completamente ignorado pelo pai.

Apesar de não tê-la conhecido, Arminto passa toda a narrativa idealizando a figura da mãe. Segundo Joanna da Silva, em sua dissertação *Relações de gênero no romance de Milton Hatoum*<sup>9</sup>, a mãe idealizada (quando branca e de classe média), matriarca de um sistema patriarcal decadente, é um traço visível na obra de Milton Hatoum. Quanto a Angélica, a sua leitura é semelhante à de Helena Friedrich, no que diz respeito a Angélica ser uma figura marcante por conta de sua ausência. Sobre ela, Joanna da Silva escreve que:

---

<sup>9</sup> Apresentada em 2011 para a obtenção do título de Mestrado pela Universidade Federal de São João del-Rei

Angelina sintetiza o protótipo da mulher e mãe idealizada e inatingível pelos dois homens, pai e filho (Amando e Arminto), mesmo não fazendo mais parte da estrutura terrena. Ela funciona como um significante ausente que, por assim ser, mobiliza e converge para si o desejo e o destino dos dois homens, pois continua sendo amada por eles mesmo depois de morta. É justamente por estar fora do alcance de ambos que ela se torna fortemente idealizada. (SILVA, 2011, p. 72)

A pesquisadora afirma também que Amando Cordovil foi "fiel a Angelina em sua viuvez" (SILVA, 2011, p. 71). Porém, em uma passagem da juventude de Arminto, há um episódio que pode contradizer essa afirmação. Arminto narra que, uma vez, avistou o pai à noite, na rua, caminhando junto a uma mulher. Um gesto do pai, o de alisar com as mãos a cabeça dessa mulher, põe dúvida em Arminto acerca da identidade do homem e relembra, mais uma vez, da cabeça cortada. Esse episódio foi intrigante o suficiente para que Arminto fosse confrontar Amando sobre o fato no dia seguinte, apenas para ter a sua presença mais uma vez rejeitada. O que esse trecho expõe, porém, é mais um indício da dubiedade moral de Amando, ao menos sob o julgamento de Arminto - o pai, possivelmente, estaria traindo a mãe falecida.

Em outras obras, particularmente em *Relato de um certo Oriente e Dois Irmãos*, é, inclusive, "visível a predileção das mães pelos filhos homens em detrimento das filhas mulheres" (SILVA, 2011, p. 47), atitude que produz no homem a postura de detentor de poder e atenção dentro da estrutura familiar. É conveniente lembrar, também, que já foi aqui mencionado que Regina Dalcastagné, em seu artigo sobre as mulheres no romance brasileiro contemporâneo, nota que, na literatura escrita por homens, as mulheres possuem mais filhos do sexo masculino. Essa preferência das mães pelos filhos homens não é naturalizada nos romances de Milton Hatoum. Nesses romances, segundo Joanna da Silva, essa predileção é notada com rancor e ironia pelos filhos ou outros familiares que, mesmo sendo também homens, como Hakim, são desfavorecidos por essa disparidade entre os afetos.

### 2.2.3 Dinaura

Perguntado sobre as suas pesquisas para a construção de seus romances, em entrevista, Milton Hatoum revela a origem do nome Dinaura. Assim segue:

Para escrever *Viagem do Elefante*, o escritor José Saramago disse que estudou os movimentos do animal. Você faz pesquisas para seus romances?

No livro *Órfãos do Eldorado*, uma novela de 100 páginas, por ser um gênero difícil, eu queria que os conflitos familiares fossem de ordem política. Tive de fazer uma pesquisa, com relatórios de 1900 a 1940, sobre os casos de corrupção na cidade de Parintins (centro simbólico do romance). Também pesquisei sobre os mitos na Amazônia. Quando estava no meio do livro, parei de escrever e fui para lá. Faltava o nome de um personagem. Desci o Rio Amazonas e os rios vizinhos. Não fotografei nada. Andei pelos povoados e conversei muito com as pessoas. Então veio o nome da personagem Dinaura. (O escritor argentino) Jorge Luis Borges costumava dizer que não faz bem ir atrás da história (risos).

Muito se diz desta personagem, porém, ela mesma não fala. Ao final do livro, Estiliano cogita que apenas Amando Cordovil conseguia tirar alguma palavra dela. Dinaura aparece para Arminto como se estivesse completamente deslocada da realidade. "Parecia uma mulher de duas idades. Usava um vestido branco e olhava para o alto, como se não estivesse ali, com se não estivesse em lugar nenhum. De repente o olhar me encontrou e o rosto anguloso sorriu." (HATOUM, 2008, p. 28). Deste encontro, o que se embrenhou na memória de Arminto foi o olhar da moça. A partir daí, se desencadeou a obsessão que guiaria Arminto pelo resto de sua vida. Nesse olhar se encontram o silêncio e a inconstância, as duas raízes da personagem Dinaura. Seu comportamento é errático, indecifrável, e seu relacionamento com Arminto intercala sedução e fuga. O mistério proveniente do silêncio de Dinaura e do desconhecimento de suas origens atiça o desejo de Arminto e alimenta a superstição dos moradores de Vila Bela em torno dela. A paixão de Arminto pela órfã cria boatos de que Dinaura seria uma mulher enfeitiçada que devorava os corações dos homens, e o seu desaparecimento misterioso foi por anos explicado como sendo sobrenatural. Ela é indissociável do mito em *Órfãos do Eldorado* e, particularmente, atrelada à cidade encantada. Desde o início Florita diz



que Dinaura "parecia uma dessas loucas que sonham em viver no fundo do rio." (HATOUM, 2008, p.31), e a temática que associa Dinaura ao fundo do rio se repete, com significados ligeiramente diferenciados - os boatos que corriam em Vila Bela acerca de Dinaura, por exemplo, davam a essa cidade encantada, que teria dado origem a Dinaura, um viés maligno:

No porto de Vila Bela, alguém espalhou que a órfã era uma cobra sucuri que ia me devorar e depois me arrastar para uma cidade no fundo do rio. E que eu devia quebrar o encanto antes de ser transformado numa criatura diabólica. Como Dinaura não falava com ninguém, surgiram rumores de que as pessoas caladas eram enfeitiçadas por Jurupari, deus do Mal. (HATOUM, 2008, p.34-35)

Segundo a dissertação de Vivian de Assis Lemos, o momento em que Estiliano conta a Arminto tudo o que sabia sobre Dinaura é o ápice da desconstrução irônica do mito do Eldorado, momento no qual Arminto perde o "mecanismo de defesa criado por ele mesmo para não ter de enfrentar a realidade de sua vida, de ter sido abandonado por Dinaura porque esta era a vontade da moça e não algo imposto por alguém ou por alguma circunstância." (LEMOS, 2014, p. 65)

Dinaura é, portanto, o satélite da força mítica de *Órfãos do Eldorado*, e, mesmo depois de revelada a sua identidade, como meia irmã ou madrasta de Arminto, assim como o Eldorado, ela nunca é completamente encontrada.

#### **2.2.4 - Florita**

Florita é a tradutora de mundo de Arminto, "a intérprete dos meus sonhos" (HATOUM, 2008, p. 74), e a sua existência é uma das primeiras lembranças daquele personagem. Ela foi capturada (ou sequestrada) de uma família de empregados fugidos, e em "Vila Bela ela estudou e ganhou um nome, com batismo cristão, festejado" (HATOUM, 2008, p. 69). A idade de Florita nunca é determinada, o que se sabe apenas é que ela era jovem quando Arminto era criança, e que seu trabalho consistia em cuidar dele. É óbvio que Florita nunca esqueceu ou renegou a sua identidade cultural, visto que, com ela, Arminto brincava com as crianças das aldeias e ouvia as histórias traduzidas da língua indígena por ela. Apesar de ser mencionado que desagradava a Amando Cordovil ver seu filho com essas crianças, nunca foi imposta sobre Florita alguma proibição quanto ao que ela poderia ou não

fazer com Arminto. A relação entre Florita e Amando era boa, e se, desde os primeiros momentos, Amando dizia que Florita era corajosa, Florita também aprendeu a gostar dele, apesar de sua famosa ganância.

Em *Relações de gênero no romance de Milton Hatoum*, Joanna da Silva agrupa Florita junto a outras personagens da obra de Milton Hatoum que desempenham papéis de serviçais, como Naiá, Socorro e Domingas<sup>10</sup>, e, numa caracterização geral de todas elas, diz que "são dedicadas aos patrões, ajudam a criar os filhos destes e, no final, submissas e servis, padecem da mesma falta de perspectiva" (SILVA, 2011, p. 36). Nessa dissertação, que abrange os quatro romances publicados de Milton Hatoum até agora, *Órfãos do Eldorado* é a obra que recebe menos atenção. De acordo com o viés adotado e compromisso com os estudos de gênero e os devidos enfoques nos recortes de classe e etnia, Joanna da Silva opta por ressaltar a opressão sistemática sofrida por Florita e pelas demais personagens serviçais de Milton Hatoum, por conta de gênero e alteridade derivada de suas etnias. Apesar de tal leitura não ser incorreta, há nela o risco de simplificar o significado e a atuação de Florita em *Órfãos do Eldorado*, uma vez que ela negocia constantemente a sua posição de subalterna. Descrita como ciumenta e orgulhosa, Florita exercia influência sobre Arminto, por ser a sua figura maternal, e desfrutava de uma vida com mais luxos e privilégios do que os outros empregados da casa, com quem ela não se preocupava em se relacionar. São privilégios que a diferenciam, por exemplo, de Socorro e de outras empregadas descritas em *Relato de um certo Oriente*, cujos serviços à família de Emilie não eram pagos.

Os papéis de Florita na vida de Arminto (e na narrativa) são múltiplos: além de figura materna e tradutora, Florita foi também amante de Arminto, ao menos em uma ocasião. O estopim do conflito entre Arminto e Amando, que resultou no primeiro sendo expulso de casa aos vinte anos, foi a primeira relação sexual de Arminto com Florita, descoberta e delatada pelos empregados da casa. Apesar de ter havido consentimento de ambas as partes, o episódio foi considerado abuso por Amando e, também, por Arminto, que aceitou a punição tardia (Amando só foi levado para Manaus meses depois do ocorrido). Da perspectiva de Amando tratava-se de "punição contra o filho lascivo". (HATOUM, 2008, p.18). Florita nunca se desculpou ou foi punida pelo patrão. Ao mesmo tempo em que foi parcialmente razão do

---

<sup>10</sup> Personagens de *Dois irmãos*, *Relato de um certo Oriente* e *Cinzas do Norte*, respectivamente.

conflito, Florita também atuou como conciliadora entre pai e filho, pelo tempo em que Amando viveu. Protegeu Arminto dos maus tratos do pai na infância e, na juventude de Arminto em Manaus, Florita frequentemente o visitava e tentava convencê-lo a retomar o relacionamento com o pai.

O ciúme é peça principal no que remete à caracterização de Florita. Entre Arminto e Amando, esse sentimento não é ignorado no seu papel de agravante dos problemas entre os dois. Por parte de Florita, instinto materno e desejo sexual por Arminto mesclam-se e resultam em possessividade em relação ao filho do patrão. O namoro entre Dinaura e Arminto, ou qualquer demonstração de encantamento dele pela órfã, encontra em Florita negatividade e censura, que também não devem ser desassociadas completamente das superstições que Dinaura desperta. Florita diz constantemente que Dinaura é louca, uma mulher encantada, afirma que a paixão de Arminto não passa de feitiço e que Arminto deveria desistir. Quando Arminto vende as suas últimas propriedades, logo antes de desperdiçar todo o dinheiro em Manaus, é Florita quem lhe dá o presságio: “Ela se aproximou de mim com um sorriso de comadre e ternura nos olhos, roçou os lábios no meu cangote e lambeu minha orelha até me deixar arrepiado. E então sussurrou com ódio: Vais voltar com o demônio no coração.” (HATOUM, 2008, p. 75). E ela estava certa.

Rancor, porém, não faz parte da personalidade de Florita. Quando se deparam com a pobreza, Florita recusa a proposta de Arminto de morarem juntos. Apesar das irresponsabilidades de Arminto, no final de vida, já empobrecida e infeliz, ela ainda lhe trazia refeições e cuidava de seu casebre. Mesmo na época em que Florita começa a entender o sentimento da mulher que, anos atrás, se suicidara no rio, Arminto nota que a sua voz não era recriminatória e não continha acusações. Um dos últimos gestos significativos de Florita antes de falecer foi dar a Arminto um olho de boto, um dos amuletos que Arminto levou consigo em sua última viagem em busca de Dinaura no Eldorado. O outro amuleto foi uma fotografia de sua mãe.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi visto no primeiro capítulo desta pesquisa que a literatura contemporânea brasileira é essencialmente urbana e masculina - quem publica e obtém prestígio no Brasil atualmente são homens brancos de classe média alta e com alto grau de estudo, e que este perfil é refletido nas obras publicadas: os personagens e enredos presentes nesta literatura contemporânea brasileira são majoritariamente masculinos e urbanos. As personagens femininas presentes nesta produção literária são muitas vezes de complexidade inferior a das personagens masculinas. Durante a análise das personagens femininas de *Órfãos do Eldorado*, pode-se perceber que enquanto Milton Hatoum faz parte do perfil dominante do escritor brasileiro - sendo ele um homem de alta formação intelectual, ele se diferencia por trazer em sua escrita personagens femininas de diversas origens, etnias e portadoras de subjetividades únicas. *Órfãos do Eldorado* é a história de um homem que tem como um de seus principais conflitos o desejo de se desassociar da figura negativa e dominante de seu pai e do legado da família, uma história de enriquecimento conseguido através de corrupção e imoralidade. Porém, as mulheres importantes na vida de Arminto Cordovil, tanto na sua formação como na sua ruína, entrelaçam as vidas do pai e do filho de modos até mesmo desconhecidos por Arminto.

Além disso, as mulheres de *Órfãos do Eldorado* trazem em suas caracterizações os mitos essenciais à formação dessa novela: a busca pela felicidade metaforizada na cidade encantada, também chamada de *Eldorado*, mito central na caracterização de Dinaura e Florita; a lenda da cabeça cortada que é simbólica para Arminto Cordovil como metáfora para as ausências das mulheres mais importantes de sua vida.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANDIDO, Antonio., GOMES, Paulo Emílio Salles., PRADO, Décio de Almeida e ROSENFELD, Anatol. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

DALCASTAGNÉ, Regina. A personagem do romance brasileiro contemporâneo: 1990-2004. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n° 26. Brasília, julho-dezembro de 2005, pp 13-71.

DALCASTAGNÉ, Regina. Imagens da mulher na narrativa brasileira. O eixo e a roda: revista de literatura brasileira. Brasília, 2007, v.15.

HATOUM, Milton. *Órfãos do Eldorado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

FRIEDRICH, Helena. Órfãos do Eldorado: mito, história e orfandade. *Revista Cenários*, vol. 1, no 1, (2009). Disponível em <[www.seer.uniritter.edu.br](http://www.seer.uniritter.edu.br)>

LE MOS, Vivian de Assis. Mito, história, e memória em *Órfãos do Eldorado* de Milton Hatoum / Vivian de Assis Lemos. - São José do Rio Preto, 2013, 116f.

SILVA, Joanna da. *Relações de gênero no romance de Milton Hatoum / Joanna da Silva*. - São João Del-Rei, 2011, 121f.

SOUZA, Márcio; SCLIAR, Moacyr. *Entre Moisés e Macunaíma: os judeus que descobriram o Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2000.

VASCONCELOS, Lucimara Regina de Souza. A função da transposição dos mitos em *Órfãos do Eldorado* de Milton Hatoum / Lucimara Regina de Souza Vasconcelos. - Curitiba, 2010, 112f.